

Como os índios amam na selva amazônica

Yvonne Amorim



YVONNE AMORIM, jornalista e escritora, publicou diversos trabalhos sobre o comportamento indígena na imprensa brasileira.

A vida sexual dos índios perde-se numa infinidade de formas, lendas e envoltórios com a natureza. Na maioria dos grupos indígenas, os casais não reconhecem o direito exclusivo de um cônjuge sobre o outro e nem se fala da fidelidade conjugal ou virgindade da mulher. A submissão da mulher em relação ao homem e outras falhas da sociedade "caraíba" — homens brancos —, ainda não têm vez na selva. Mas cada tribo tem sua forma peculiar de amar. Algumas, aceitam a prática homossexual, outras a castigam severamente. A virgindade está relacionada com a fertilidade da terra. Uma coisa é unânime: os índios amam em conexão com a natureza.

No Estado do Pará, os índios Kuben — Kran — Kain celebram ritual, que provavelmente é considerado como "orgia" pelo homem branco: é o Pajeú. As mulheres livres, casadas sem filhos, desquitadas ou moças a fim de se diver-

tirem, reúnem-se no ôbi — Casa dos homens — e durante a noite atraem os homens da tribo.

Com grandes beijos — alimento feito de mandioca — nas mãos, elas riem as gargalhadas e dão gritinhos de contentamento pelas estórias excitantes que contam, como se estivessem sob o efeito de alguma droga alucinógena. Molham os beijos em bebidas e os comem. Quando os guerreiros saem às ruas após suas reuniões, elas os atiram pedacinhos de beijos, com provocações e gracejos, desafiando-os a demonstrarem sua virilidade. Os que tentam fugir são agarrados e obrigados a satisfazer várias mulheres.

AMOR ATÉ A EXAUSTÃO

Outra chamada orga para os homens brancos é a festa Mê-bi-iök, praticada pelos índios Kaiapós, quando os guerreiros regressam da grande jornada de caça e pesca. Enquanto os guerreiros

caçam, as mulheres preparam artesanatos, os alimentos e pintam o corpo. Com a chegada dos homens com o produto da caça, inicia a festa que dura uma semana.

Alguns homens participam das alas de dançarinos e cantores, outros erguem as paradas da casa onde vai ser realizado o acontecimento. Esta tem que ser bem escura e aconchegante para o ato. Um grande corrimão é colocado no centro dividindo o lugar dos homens e das mulheres. Bô, a máscara que representa o herói civilizador, dirige a festa ou o Mbê-bi-iök, entoando canção que fala da faculdade da família, enquanto todos ouvem em silêncio. Com a ordem de Bô, cada mulher agarra um homem — ninguém sabe quem é quem — e praticam o amor até a exaustão. Às vezes, um guerreiro sai e a mulher volta a se apoiar no corrimão a espera de outro amante. Novamente e com a ordem de

caçam, as mulheres preparam artesanatos, os alimentos e pintam o corpo. Com a chegada dos homens com o produto da caça, inicia a festa que dura uma semana. Alguns homens participam das alas de dançarinos e cantores, outros erguem as paradas da casa onde vai ser realizado o acontecimento. Esta tem que ser bem escura e aconchegante para o ato. Um grande corrimão é colocado no centro dividindo o lugar dos homens e das mulheres. Bô, a máscara que representa o herói civilizador, dirige a festa ou o Mbê-bi-iök, entoando canção que fala da faculdade da família, enquanto todos ouvem em silêncio. Com a ordem de Bô, cada mulher agarra um homem — ninguém sabe quem é quem — e praticam o amor até a exaustão. Às vezes, um guerreiro sai e a mulher volta a se apoiar no corrimão a espera de outro amante. Novamente e com a ordem de

Bô, as mulheres juntam-se mais tarde para o banho coletivo.

Naquele mesmo dia, a chefe das mulheres reúne as jovens casadas sem filhos que participaram da festa e desenha em seus colos um longo colar com tinta de jenipapo e cinzas. A portadora de tal colar faz retiro em sua choça e se habitua a viver só com o marido. Ambos vão descobrindo qualidades e afeiçoando-se mutuamente, abandonando as práticas extra-conjugais.

A festa "Mê-bi-iök", entre outras coisas, permite que as mulheres casadas com homens estérteis fiquem grávidas e procriem. Uma lenda justifica tal festa: as mulheres cansadas de serem exploradas pelos homens, que as tratavam como escravas, resolvem se vingar. A pajá das mulheres, as transforma em peixes deixando os guerreiros surpreendidos quando retornaram da caça. Ao pedir explicação da Pajá, esta impõe condições: trazer mulheres de volta se houver melhor divisão do trabalho, liberdade de possuir amantes, abandonar o marido, manter relações sexuais antes do casamento e liberdade total de uma vez por ano terem direito de entrar na casa dos homens, proibida até então. Daí a existência do Mbê-bi-iök.

LENDAS

No princípio do mundo, as uanadióri-ré — moças solteiras — disputavam o amor da Kanaciúé Iná (Deus — homem). Um dia, ele se deixou seduzir por Maheico, uma jovem de rara beleza e formas provocantes. Casaram-se e mais tarde, ele saiu em busca do sol. Quando Kanaciúé Iná regressou à aldeia, Maheico, sua esposa, cansada de esperá-lo, já havia encontrado um novo amor. Sentindo-se traído, o Deus — homem saiu sem destino, punindo erros e transformando pessoas em animais.

Há muito tempo, na aldeia de Idianakatu, viviam duas irmãs. Eram as filhas do Sol, um poderoso feiticeiro que exigia de seus futuros genros provas de coragem, inteligência e perseverança. Muitos morreram na tentativa, até que Idianakatu e Alobederi conseguiram superar todos os obstáculos. Na noite de núpcias, quando os noivos se deitaram elas revelaram: "não podemos ter relações sexuais, papai colocou piranhas em nosso sexo!"

Os irmãos ficaram frustrados, mas Idianakatu procurou resolver o problema gritando: Ei, macacos, venham provar a virgindade das filhas do Sol! "Os macacos foram logo deitando-se com as virgens, do que resultou terem estes perdido o preppúcio, devorados pelas piranhas. Finalmente com ramos de timbô (cipó venenoso) Idianakatu retirou os vorazes peixes. Porém, uma menorzinha ficou escondida e todos os meses ela fica ouriçada e morde as entranhas das mulheres, provocando dores e hemorragias. São as menstruações.



"Os índios têm uma forma bem mais livre para fazer o amor. A virgindade, o adultério, o uso de anticoncepcionais também existem na Selva. Mas os conceitos são bem mais flexíveis do que o dos Caraíbas (homens brancos)".

VIRGEM PARA RAPAZ

Os costumes indígenas variam não só de acordo com as tribos, mas também de acordo com as famílias. Estabelecer uma regra geral ou tentar através de uma intercessão simbolizar as normas sexuais dos índios, é impossível. No sistema dos índios Iná, por exemplo, as mulheres e os homens conservam a virgindade até as núpcias. Já casados, as decisões são tomadas pela mulher.

Quando há mais mulheres do que homens numa certa tribo, a virgem pode escolher um desquitado ou viúvo para casar-se. Não havendo também desquitados ou viúvos disponíveis, a esposa permitirá que sua irmã seja a segunda esposa do marido, e vivem juntas. O pajé — no entanto — poderá exigir como pagamento de uma cura, a mão de uma parenta do cliente e esta passará a ser uma nova esposa. Nesses casos, a mãe não tem escolha e dá a filha em casamento.

Existe também o contrário: o rapaz virgem ser escolhido por uma desquitada ou viúva, o que é considerado por eles como vantajoso, pois elas já contam com heranças do casamento inicial.

Nas tribos Inãs, as crianças de ambos os sexos brincam juntas e livremente até certa idade. Quando atingem a idade escolar (11 anos) vão para a Aruanã Hetô (Casa das Máscaras e escola internato tribal). Ao ingressarem, recebem o nome de Diuré (ariranhá), depois passam a Bodô (iniciados) e posteriormente a Ueriribo (rapaz). Essa transformação ocorre no período de cinco anos, quando então concluem o período básico de sua formação. Enquanto solteiros continuam residindo na escola com as mesmas regalias de estudantes nasci-

dos pela comunidade. Não há celibato voluntário.

Quando o rapaz casa, passa a ser considerado Hambu (homem). Além de ir morar na casa da esposa, ajudando os sogros na manutenção do lar, passam a dar também uma quota de alimentação à escola.

ADULTÉRIO

Antigamente, nas aldeias Karajás, o adultério era punido severamente. A mulher adúltera era levada para a Aruanã Hetô (Casa dos Homens) onde todos os homens a possuíam, quantas vezes quisessem. Depois ela era abandonada numa praia qualquer e estava então, expulsa da comunidade.

Hoje, a punição não é tão drástica: o marido comunica o fato aos parentes da mulher, cabendo a eles aplicarem o castigo. Dão-lhe uma surra na presença do marido "traído". O homem que dormiu com a mulher também apanha na frente de todos. O castigo já está dado.

Se o marido quiser continuar com a mulher poderá fazê-lo; pois não há restrições a respeito. Caso contrário ele irá viver na Aruanã Hetô voltando a condição de solteiro. Nesse caso, cabe à mulher a guarda dos filhos e ao novo marido, aceitar a adoção da criança, sem constrangimentos.

ESTUPRO OU PRAZER

Os Kaiapós tem um costume bem exótico para quem é estrangeiro a eles. Além do casamento normal com a moça virgem, existe um rito bem mais agressivo: a menina moça pode ser forçada ao ato sexual. Um ou mais homens casado ou solteiro, agarram a mocinha durante uma temporada da caça, pesca ou coleta de frutos, na qual todos aban-

donam a aldeia e se instalam em pequenos acampamentos pela floresta. Tais encontros acontecem discretamente e encarados com naturalidade, como se essa primeira agressão sexual fosse de alguma forma esperada ou até mesmo desejada pela jovem. Daquele instante em diante, cabe à mulher seduzir o homem.

Para o casamento tradicional existe uma longa prévia: o homem vai morar na casa da noiva, que às vezes é uma menina de seis a sete anos de idade. Nessa idade não há relações sexuais, logicamente. O papel do homem é ajudar a criá-la. Deitados na mesma esteira, ela se acostuma com a presença do futuro marido. Após a puberdade, é feito o casamento da mé-pront-print (menina moça e virgem).

Durante a cerimônia, o rapaz é autorizado pelo pajé a retirar o bôihoru-kaibu (liga sob os joelhos) da moça, que será guardado até a consolidação do casamento ou guardado como lembrança daquelas núpcias especiais.

No dia seguinte, todos os guerreiros esperam o recém-casado na Ng-ôbi (Casa dos Homens), para que ele lhes conte como transcorreu a primeira noite de núpcias. Então o pajé exige a prova do defloramento. O jovem tem que exibir, mostrando no corpo, o sangue da virgem. Se não tem provas para mostrar é alvo de chacotas por parte da assembleia dos homens e a festa é encerrada ao invés de durar alguns dias.

LIBERDADE SEXUAL

Sem dúvida, a sociedade indígena está a muitos anos luz a frente da chamada ocidental ou dos homens brancos. Na maioria das tribos as mulheres são sexualmente livres e terminam por fazer amor com o determinado rapaz com mais frequência. O cacique — para normalizar a situação — reúne as moças e os rapazes e faz com que cada uma escolha seu par. Os casamentos então são realizados.

Contudo não há obrigação de fidelidade, embora vivam juntos. A obrigação de ser fiel só existe depois que o casal tem filhos, coisa que acontece somente quando a mulher deseja. Os Kaiapós, por exemplo, conhecem ervas anticoncepcionais, abortivas, afrodisíacas e revitalizantes. Os suruí que tiveram problemas de desequilíbrio demográfico, permitem que se as esposas tenham amantes, resolvendo dessa forma o problema sexual dos solteiros.

As moças Paritins preparam poções que os homens bebem passando a sentir por elas irresistível atração física. Quando os homens saem para caça convidam o irmão ou o amigo para substituí-lo junto a mulher.

Os Nambikwára definem o relacionamento entre homem e mulher da forma simples e direta: tami-dige môdage (fazer amor é o que importa).